

O espírito Gorceix: história e memória do projeto científico da Escola de Minas de Ouro Preto

The Gorceix spirit: history and memory of the scientific project of the *Escola de Minas de Ouro Preto*

Deise Simões Rodrigues

Doutoranda em História

Universidade Federal de Minas Gerais

dsrdeise@gmail.com

Recebido em: 28/10/2015

Aprovado em: 20/01/2016

RESUMO: Através dos significados dados ao projeto científico de seu fundador Claude-Henri Gorceix, esse artigo apresenta a história e memória da Escola de Minas de Ouro Preto. O projeto científico pode ser identificado na construção discursiva “espírito Gorceix”. A expressão percorre os estudos históricos sobre a instituição de ensino, sendo fontes desse artigo: alguns discursos de memórias, homenagens de ex-alunos e professores da instituição. Esses textos associam o legado da formação europeia de Gorceix, as propostas pedagógicas e de ciência com seus aspectos biográficos e perfis profissionais. Portanto, o “espírito Gorceix” funciona como um princípio norteador da análise interpretativa. Argumenta-se ainda que o “espírito Gorceix” perpetuou uma dinâmica social da memória celebrada nas comemorações da Escola de Minas e no culto a seu fundador.

PALAVRAS-CHAVE: Escola de Minas, Gorceix, Projeto Científico.

ABSTRACT: Through meanings given to the scientific project of its founder Claude-Henri Gorceix, this paper presents the history and memory of the Escola de Minas de Ouro Preto. The project can be identified in the discursive construction “Gorceix spirit”. This expression appears in historical studies of the educational institution, which are sources of this paper: some memory and honors speeches of former students and professors of the institution. These texts associate the legacy of European education of Gorceix, his pedagogical proposals and science with biographical aspects as well as his professional profiles. Thus, the “Gorceix spirit” works like a guiding principle of the interpretative analysis. It is argued yet that the “Gorceix spirit” perpetuates a social dynamic of the memory that takes place in celebrations of the Escola de Minas and in the cult of his founder.

KEYWORDS: School of Mines, Gorceix, Scientific Project.

A história da Escola de Minas de Ouro Preto situa-se em meio a leis, emendas e projetos científicos¹ cultivados ao longo do Império brasileiro e, mais tarde, apoiados pelo imperador Dom Pedro II. Desde seus primeiros anos, o governo imperial no Brasil manifestou interesse na fundação de escolas técnicas “especialmente para o preparo da mocidade brasileira em química, exploração de minas, mineralogia, geologia e metalúrgica”². Um marco dessa tessitura histórica é o Decreto de 1832, que aprovava a criação de um estabelecimento de ensino mineralógico e metalúrgico.³

Anteriormente, o deputado Manoel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá apresentou a Emenda em prol da instauração da “academia montanística⁴, docimática e mais doutrinas de metalurgia”⁵, em 18 de outubro de 1823. Mas o cumprimento dessas leis deu-se somente décadas depois, quando em 1876, a convite do imperador brasileiro, o francês Claude-Henri Gorceix encarregou-se da realização de um plano longamente acalentado pelo governo imperial.

Antes de aceitar a proposta de Dom Pedro II para organizar no Brasil os estudos de geologia e mineralogia, Gorceix atuou como professor agregado na Escola Superior Normal de Paris.⁶ Formou-se bacharel em ciências físicas e matemáticas na mesma instituição de ensino, reconhecida por receber os melhores estudantes dos liceus, oferecendo uma formação gratuita e conceituada.⁷ Henri Gorceix teve excelente formação em física, sendo aluno de Alfred des Cloiseaux⁸, um dos pioneiros da disciplina posteriormente denominada petrologia⁹. Já o

¹Este artigo que trata especificamente do projeto científico vigorado por Claude-Henri Gorceix é um desdobramento de minha dissertação de mestrado - *Cum mente et malleo*: a ciência na escrita de Claude-Henri Gorceix. Nela, discuti a concepção de ciência de Gorceix através de sua escrita epistolar das cartas que o mesmo enviou a Dom Pedro II. Ver: RODRIGUES, Deise Simões. *Cum mente et malleo*: a ciência na escrita de Claude-Henri Gorceix. Orientadora: Dra. Virgínia Albuquerque de Castro Buarque. Dissertação (Mestrado em História). UFOP, Mariana, 2010.

² Professor Claude-Henri Gorceix. REM: *Revista da Escola de Minas*, ano 1, n.3, p.76-84, abril. 1936. p.78.

³ LOPES, Francisco. *A Escola de Minas (1876-1966)*. Ouro Preto: Oficinas Gráficas, 1966, p.10.

⁴ Pode-se dizer que a montanística é o equivalente a atual Engenharia de Minas. Cf. FIGUEIRÔA, Sílvia Fernanda de Mendonça. Ciência e tecnologia no Brasil Imperial: Guilherme Schüch, Barão de Capanema (1824-1908). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n.34, p.437-455, jul. 2005. p.448.

⁵ LOPES. *A Escola de Minas (1876-1966)*, p.8.

⁶ LIMA, Margarida Rosa de. *D. Pedro II e Gorceix*: a fundação da Escola de Minas de Ouro Preto. Ouro Preto: Fundação Gorceix, 1977, p.23-25.

⁷ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.22.

⁸ Alfred Louis Olivier des Cloiseaux (1817-1897) mineralogista francês. Lecionou mineralogia no Museu de História Natural e pertenceu à Academia de Ciências de Paris. FERREIRA, Moacyr Costa. *Dicionário de inventos e inventores*. 2ed. São Paulo: Edicon, 1994, p.165.

⁹ Petrologia ou ciência das rochas teve seu processo de especialização disciplinar iniciado a partir de 1851. Tal conhecimento insere-se nos campos da mineralogia e geologia, uma vez que as rochas possuem ao mesmo tempo corpos geológicos e associações minerais. Procedo ao estudo da composição química das rochas e de sua gênese. LOEWINSON-LESSING, F.Y. *A historical survey of petrology*. Edinburgh: Great Britain, 1954, p.1-7.

conhecimento em geologia deveu-se a cientistas como André Fouquet¹⁰, Aquile Delesse¹¹ e Auguste Daubrée¹². Durante seu período de formação, Gorceix participou de uma expedição na Itália, onde promoveu explorações no campo da física mineral, bem como na Grécia, onde integrou a Escola Francesa de Atenas, dedicando-se ao estudo dos vulcões. Em poucas palavras, ele trouxe para a Escola de Minas o que de melhor havia na ciência europeia do momento.¹³

Alguns estudos sobre a Escola de Minas conferem um recorte particularizado ao conhecimento científico de Gorceix. O geólogo Messias Gilmar de Menezes representou Gorceix como um dos primeiros expoentes de um saber emergente na virada do século XVIII para o XIX - a mineralogia. Até então, essa disciplina diluía-se no abrangente ramo da história natural, com seu movimento pendular entre as viagens de campo para coleta das espécies e os trabalhos nos laboratórios de museus científicos.¹⁴ Face, porém, às demandas da indústria moderna, a mineralogia ganhou autonomia e espaço institucional, ocorrendo a criação da Escola Real de Minas em Paris em 1783.¹⁵ A mineralogia (ou ainda a geografia física ou geografia mineral, denominações coincidentes na época) correspondia então ao que se entende hoje por ciências da terra, mantendo uma forte relação com a química¹⁶: “os mineralogistas iam para os laboratórios e procuravam analisar quimicamente os minerais para descobrir sua natureza”¹⁷.

Em relação aos referenciais teóricos de Gorceix, existem associações a mais de uma tradição científica. O memorialista Miguel Arrojado Lisboa¹⁸ dizia que o pensamento do primeiro

¹⁰ Ferdinand André Fouquet (1828 -1904) geólogo e mineralogista francês. Estudou os produtos voláteis das erupções vulcânicas, demonstrou a existência de chamas nas crateras durante o período eruptivo e investigou a formação dos principais tipos de crateras. FERREIRA. *Dicionário de inventos e inventores*, p.179.

¹¹ Aquile Ernest Oscar Joseph Delesse (1817- 1881), geólogo e mineralogista francês. Foi membro da Academia de Ciências e se dedicou ao metamorfismo das rochas; estudou o fenômeno da pseudomorfose e evidenciou a ação das águas termais sobre as rochas . FERREIRA. *Dicionário de inventos e inventores*, p.163.

¹²Fouquet, Delesse e Daubrée foram alguns dos cientistas que desafiaram o pensamento geológico francês dominado pelo neptunismo de Werner e a teoria das crateras. CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. 2ed., Belo Horizonte: UFMG, 2002, p.49. O cientista alemão Abraham Gottlob Werner (Wehrau, 1750- Freiburg, 1817) foi professor de mineralogia e autor da teoria werneriana sobre os fenômenos verificados na crosta terrestre, além de ter sido o primeiro a distinguir a geologia da mineralogia. FERREIRA, *Dicionário de inventos e inventores*, p.286.

¹³ CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.47-49.

¹⁴ MENEZES, Messias Gilmar de. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto, no crepúsculo do Império*. Orientador: Pedro Wagner Gonçalves. Tese (Doutorado em Geociências) - UNICAMP, Instituto de Geociências, Campinas, 2005, p.52-53.

¹⁵ CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.64.

¹⁶ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.23.

¹⁷ MENEZES. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.53.

¹⁸ Miguel Arrojado Lisboa (1872-1932) foi um geólogo, engenheiro civil e de minas, formou-se pela Escola de Minas de Ouro Preto em 1894. Atuou como o primeiro inspetor da Inspeção de Obras contra as secas (IOCS). Nessa instituição promoveu importantes estudos científicos sobre o Nordeste brasileiro. Sobre sua atuação no IOCS ver: SANTOS, Cláudia Penha dos. *As comissões científicas da Inspeção de Obras Contra as Secas na gestão de Miguel Arrojado*

diretor da Escola de Minas portaria um viés eminentemente cartesiano, “devido a sua preocupação com a clareza, a racionalidade, o exame de fatos, a ausência de preconceitos científicos”¹⁹. Messias Menezes recuperou o pronunciamento de Gorceix de feições baconianas:

A metáfora “melhores livros de sua biblioteca” foi largamente empregada desde o Renascimento em combate à tradição da autoridade escrita preconizada pela Escolástica. Esse rápido comentário não só ajuda a aclarar a ciência empírica, como já sugere certa filiação baconiana. Ora, isso é absolutamente coerente com a síntese geológica que reúne os procedimentos taxonômicos típicos da História Natural e o esforço químico. [...] A ciência preconizada tanto por Bacon quanto por Gorceix iguala verdade e utilidade.²⁰

Estas interpretações ligam a ciência de Gorceix aos modelos hegemônicos de Descartes e Bacon, relacionados aos ideais de legitimidade da ciência expressos nos fundamentos matemáticos, racionais e experimentais. Tais modelos não são necessariamente excludentes em Gorceix, que apresentou na sua travessia intelectual uma formação científica vasta. Gorceix combinava o exame dos fatos com a clareza de raciocínio, a imaginação com a comprovação, os objetos da natureza com os do mundo humano.²¹ Neste sentido, ao fazer sua história do pensamento científico da Europa moderna, Paolo Rossi enfatizou:

[...] mediante a pesquisa histórica jamais, no passado, são descobertos estudos monoparadigmáticos ou épocas caracterizadas, como as pessoas, por um único rosto; que o diálogo crítico entre teorias, tradições científicas, imagens da ciência foi sempre (tal como continua sendo) contínuo e insistente; que a ciência do século XVII, junto e ao mesmo tempo, foi paracelsiana, cartesiana, baconiana e lebniziana; que modelos não mecanicistas agiram com força também em lugares impensáveis; que o surgimento de problemas e de possíveis domínios de pesquisa está firmemente ligado a discussões que têm a ver com as várias filosofias e metafísicas; que a figura do *cientista* emerge em tempos e de formas diversas em cada setor particular da pesquisa, considerado que em alguns casos (como na matemática e na astronomia) há referência a tradições antiquíssimas, em outros procura-se fazer emergir do passado tradições específicas a que referir-se, em outros ainda se insiste no caráter novo ou alternativo da própria atividade cognitiva e experimental.²²

A ciência moderna foi concebida em uma temporalidade diversa, na qual coexistiram perspectivas que hoje parecem pertencer a universos culturais totalmente inconciliáveis entre si.

Ribeiro Lisboa (1909-1912). Orientadora: Dra. Magali Romero Sá. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2003.

¹⁹ LISBOA, Miguel Arrojado Apud, CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.96. LISBOA. *Apud*, MENEZES. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.52.

²⁰ MENEZES. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.121.

²¹ Cf. RODRIGUES, Deise Simões. A ciência de Gorceix: uma produção histórica do conhecimento da natureza. *Revista Tempos Históricos*, v. 15, p. 83-116, 2011.

²² ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Trad. Antônio Angonese. São Paulo: EDUSC, 2001, p.20-21.

Mesmo Gorceix, indissociável dos estudos de campo e dos interesses da indústria, não se define em uma imagem monolítica da concepção de ciência.²³

A formação europeia de Gorceix e sua passagem na Escola Normal de Paris fornecem algumas respostas para o entendimento dessa concepção ampla de ciência. Os cursos superiores na França, no período considerado, abrangiam três anos: um dedicado exclusivamente às letras, enquanto os outros dois voltados às ciências físicas e matemáticas. Foi esse o modelo curricular do Instituto Superior de Paris, de cujos bancos saíram nomes de grande significância nos estudos humanistas, literários, filosóficos, políticos tanto quanto nos conhecimentos das ciências físicas e matemáticas.²⁴

O currículo de ensino reforça a ideia de que os diferentes saberes coexistiam na formação do homem culto, fosse ele um cientista, um letrado ou um filósofo.²⁵ Nomes consagrados como Henri Bergson e Victor Cousin²⁶ no campo das humanidades vieram dessa instituição, assim como Louis Pasteur, eternizado pelas contribuições na biologia. Nesse momento, a comunidade científica ainda se arvorava à posse de conhecimentos amplos, não totalmente delimitados em suas especialidades, numa conjuntura em que nenhum deles havia se sobressaído de forma a excluir os demais.²⁷

O “espírito Gorceix”

Na obra *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*, José Murilo de Carvalho, declarou ser consenso entre os estudiosos que, ao longo de várias décadas, a Escola de Minas foi “Gorceix [...] tanto pela organização que lhe deu, como, sobretudo, pelo espírito que lhe imprimiu”²⁸. Sem surpresas, todo o pesquisador que debruçar sobre a bibliografia disponível acerca da instituição vai deparar-se com uma expressão que reaparece nas mais diversas modalidades discursivas²⁹ – o “espírito Gorceix”.

²³ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.25.

²⁴ _____. *Cum mente et malleo*, p.27.

²⁵ _____. *Cum mente et malleo*, p.27.

²⁶ O pensamento de Cousin (1792-1867) é ligado ao debate que remete aos naturalistas e espiritualistas, ecletismo que o faria mais tarde desenvolver os fundamentos da moralidade. A corrente espiritualista francesa inclui além de Victor Cousin, Maine de Biran, Laromiguère e Jules Simon que é citado por Gorceix nas cartas ao imperador. Com base nas ideias de Cousin o grande historiador Guizot (1787-1874) preparava as leis que reorganizariam a educação francesa. Em suma, Gorceix faria sua graduação na Escola Normal reformada sob as ideias de Victor Cousin. LUZIRIAGA, Lourenço. *História da educação pública*. Trad. Luiz Damasco Penna. São Paulo: Cia Editorial Nacional, 1959, p.60-63.

²⁷ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.27.

²⁸ CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.47.

²⁹ Tais como capítulos de livros, artigos de revistas, discursos etc.

Ex-aluno da Escola de Minas, prefaciando a obra da historiadora Margarida Rosa de Lima, Cássio Damázio³⁰ clamou:

Revela finalmente, para todos os ex-alunos, para todos os seus atuais e futuros jovens alunos, que a razão da <<Escola não ter perdido seu caráter>>, e o motivo das nossas espontâneas e presentes, lealdade e assistência à mesma, e a certeza que temos de que os seus gloriosos primeiros cem anos serão continuados nos séculos futuros que agora se iniciam, estão condensados num fator subjetivo mas agora completamente desvendado: a forte e permanente presença do espírito do seu Fundador, - O ESPÍRITO DE GORCEIX!³¹

O “espírito Gorceix” representaria um estilo específico, pelo qual a Escola de Minas impactou a sociedade brasileira com avanços na economia e na ciência, de maneira até então inédita: “Não apenas venceu, como criou um estilo e um padrão de trabalho próprios, produzindo, como nenhuma outra instituição, um impacto na vida social, econômica e científica do país [...]”³².

Em que consistiria esse “espírito Gorceix”? E qual sua importância para o entendimento do projeto científico de Gorceix? Essa expressão contém uma variedade de significados que não se fragmentam em facetas isoladas. Ao contrário, sua densidade semântica demonstra como os estudiosos da história da Escola de Minas conceberam as propostas pedagógicas e de ciência norteadoras das primeiras décadas de existência da instituição de ensino com a trajetória biográfica e cultural de seu fundador, Claude-Henri Gorceix. O “espírito Gorceix” consiste numa identidade institucional da Escola de Minas e um princípio norteador das leituras de textos produzidos tanto por Gorceix quanto elaborados sobre ele.³³

Numa abordagem de história econômica, estudos apontaram o impacto da Escola de Minas na indústria siderúrgica.³⁴ Os argumentos relacionam à instituição com um projeto de nação destinado ao progresso e à civilização. Projeto realizado graças ao voluntarismo político do imperador Dom Pedro II, tutor da Escola e grande amigo de Gorceix. Nesses estudos as ciências naturais marcariam o “espírito Gorceix”, a concepção de ciência e identidade da Escola de Minas, vista como precursora neste tipo de ensino.³⁵

³⁰ Cássio Elísio de Figueiredo Damázio formou-se na turma de 1943 da Escola de Minas, ocupou cargos em grandes empresas de engenharia e atuou como membro diretor da Fundação Gorceix e do Clube de Engenharia na década de 60. Cf. LOPES. *A Escola de Minas (1876-1966)*, p.367.

³¹ Cf. LIMA. *D. Pedro II e Gorceix*, p.18.

³² BARROS, Geraldo Mendes. *A Escola de Minas e a siderurgia*. Ouro Preto: Fundação Gorceix, 1985, p.24.

³³ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.19.

³⁴ BARROS. *A Escola de Minas e a siderurgia*.

³⁵ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.21.

A diretriz mestra do “espírito Gorceix” apontava para o estudo minucioso das riquezas minerais da província mineira. Era preciso um levantamento das minas e das pequenas fábricas de ferro em atividade, apontando a indústria siderúrgica como uma das principais fontes de riqueza do país, em um futuro próximo.³⁶ Sob essa ótica, Gorceix tinha a intenção de transformar a Escola de Minas “num centro de pesquisa geológica e do progresso da mineração, máxima da indústria do ferro”³⁷.

Referente as primeiras décadas do século XIX, aquele antigo projeto educacional foi reconfigurado sob premissas técnicas, apoiadas na prática de laboratório, no domínio dos saberes relativos à extração mineral e à indústria:

Admitia-se, na Província de Minas Gerais, que participar da construção da nação passava pela educação, que trouxesse “conhecimentos úteis” necessários para o desenvolvimento das minas. Estava iniciado o processo de construção de uma imagem que procurava mostrar que as minas não só foram importantes para o país, deveriam ser exibidas como riqueza que projetaria a nação a um futuro promissor, com potencial de vir a ser participante do grupo de nações civilizadas.³⁸

A criação de academias de ciência era necessário para a constituição de um corpo consultivo de *experts*. Profissionais preparados para avaliar projetos e, portanto, atuar no desenvolvimento de setores importantes do Reino: econômico, social, demográfico, sanitário e, sobretudo, as questões de armamento. Com base nessa argumentação, instituições civis e militares seriam abertas para a transmissão do saber científico e técnico.³⁹ Concepção herdada do “século das Luzes, os cientistas respondiam, sobretudo à demanda por uma ciência útil, de um saber capaz de trazer respostas técnicas a problemas práticos”⁴⁰.

Ensinar geologia implicava em promover intervenções diretas em favor do desenvolvimento do Estado nacional brasileiro, como, por exemplo, a elaboração da carta geológica da província de Minas Gerais.⁴¹ Daí, emergiu um aspecto singular do “espírito Gorceix”: o trabalho científico do professor deveria influenciar o ensino por ele ministrado.⁴² A

³⁶ BARROS. *A Escola de Minas e a siderurgia*, p.26-29.

³⁷ _____. *A Escola de Minas e a siderurgia*, p.26.

³⁸ MENEZES. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.47.

³⁹ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.40.

⁴⁰ MENEZES. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p. 54.

⁴¹ _____. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.126.

⁴² _____. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.112.

preocupação em traduzir os conhecimentos científicos em políticas de dinamização da produção econômica brasileira, sobretudo mineira foi uma importante faceta do “espírito Gorceix”.⁴³

Associada ao “espírito Gorceix”, essa atenção ao desenvolvimento econômico atendia aos interesses da Coroa brasileira.⁴⁴ Não casualmente, o imperador já houvera indagado a Auguste Daubrée, diretor da Escola de Minas de Paris, sobre os meios mais recomendáveis para obtenção de um conhecimento acerca do solo brasileiro, que viabilizasse a exploração de suas riquezas minerais. Fora Daubrée, aliás, que indicara Henri Gorceix como o cientista de perfil para a fundação da Escola de Minas no Brasil.⁴⁵

Em relação à prática científica de Gorceix, as pesquisas *in loco* reconstituíam o processo de formação de minerais e a configuração topográfica de uma região. Isto implicaria numa historicização da constituição geológica da Terra, e não apenas num simples coletar de espécies ou dados.⁴⁶ Nas suas recomendações às excursões geológicas, dirigidas aos alunos da Escola de Minas, Gorceix incluía o registro de todos os dados cabíveis sobre o estado das explorações minerais e da indústria, nas mais diversas áreas do conhecimento. Antes mesmo da viagem, caberia uma preparação meticulosa, baseada na leitura de obras sobre a região e sua história natural (livros muitas vezes raros, devido ao pequeno número de volumes impressos). Para isso, os estudantes contavam com a abastada biblioteca da Escola de Minas, que adquiriu no decorrer da administração de Gorceix cerca de 300 volumes, incluindo a coletânea de Jean Monlevade⁴⁷, bem como do engenheiro Fernando Halfede⁴⁸, além de manter a assinatura de diversos periódicos, tais como *Les Comptes Rendus de L'Academie de Sciences de France*, *Le Bulletin de L'Industrie Mundiale*, a *Revue Universelle de Mines*, os *Annales de l'École Nationale Supérieure*, boletins e outras publicações das sociedades de geologia, mineralogia e geografia da França, entre outras

⁴³ CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.132.

⁴⁴ A visão de uma educação científica voltada para o desenvolvimento econômico esteve presente em diversas instituições científicas e culturais no Brasil Oitocentista. Para um desdobramento da questão ver especialmente duas coletâneas: DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. (Org.). *Espaços da ciência no Brasil (1800-1930)*. v. 1. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001 e MARINHO, Pedro et al. (Org.). *Formas do Império: ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil, séculos XVI ao XIX*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

⁴⁵ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.40.

⁴⁶ MENEZES. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.54.

⁴⁷ Jean Antonie Félix Dissandes de Monlevade, de nacionalidade francesa, chega ao Brasil em 1817, aos 28 anos. Estabelece moradia em Minas Gerais, adquirindo sesmarias e construindo sua própria forja catalã para a produção de ferro, que futuramente dará origem ao que hoje é a cidade de João Monlevade no estado de Minas Gerais. TELLES, Pedro C. da Silva. *A História da Engenharia no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Tec. Cient, 1984.

⁴⁸ Fernando Halfede, também engenheiro. Nascido em Honover, Alemanha, adotou a nacionalidade brasileira e fixou-se no Brasil por volta de 1835, como engenheiro-chefe na província de Minas Gerais. TELLES, Pedro C. da Silva. *A História da Engenharia no Brasil*.

instituições científicas da América do Norte, do Sul e do Brasil, como as edições do Observatório e do Museu Nacional.⁴⁹

De posse das informações procedentes dessas leituras, os alunos iniciariam o percurso de um determinado território, realizando pesquisas de campo, com levantamento das informações verbais, através de conversas com “homens práticos e inteligentes do lugar”⁵⁰. Nada, aliás, poderia escapar-lhes, preconizava Gorceix, nada deveria ser-lhes estranho: “As informações dos leigos ignorantes, devidamente interpretadas e analisadas, conduzem, muitas vezes, a descobertas de grande importância”⁵¹. Barros Mendes acrescentou:

Nessas *Instruções* reponta a preocupação com o minério de ferro e a siderurgia. Cabia aos alunos indagar a respeito da sua abundância e da sua riqueza; qual o estado das florestas circunvizinhas, sua extensão e a qualidade das madeiras empregadas no fabrico do carvão; o número de anos necessários para uma árvore adquirir a grossura precisa para ser utilizada; quais as facilidades de comunicação, o preço de transporte, de mão de obra e do ferro fabricado.⁵²

Fica evidente que em um dos significados do “espírito Gorceix”, conhecer a província de Minas incluía saber a sua história, sua realidade e suas tradições, consideradas tão importantes quanto o domínio científico sobre a natureza dos solos e suas riquezas. A história cruzava as pesquisas e os relatos de Gorceix, como em palestras por ele realizadas no Museu Nacional, nas quais o primeiro diretor da Escola de Minas fez referências à descoberta (*sic*) da América e do Brasil, associando tais eventos ao domínio das técnicas de navegação.⁵³ Tempos históricos distintos, o passado e o presente são invocados em um efeito de continuidade, projetando novos desbravamentos aos “bandeirantes” do final dos Oitocentos.⁵⁴

Natureza e história foram associadas no discurso do engenheiro italiano Filippo Tartufari que escreveu sobre o Brasil após ter visitado a mostra da Escola de Minas na Exposição Internacional da Indústria e do Trabalho, em Turim, no ano de 1911:

Chi pensi che il Brasile ha un territorio immenso per longitudine e latitudine, un territorio in alcune parti montagnoso, in talune altre ondulato in pianure interminabili, sopra cui vento fai ondeggiare chiome di foreste e rapisce alle erbe cento aròmi, un territorio solcato da fiumi sempre golfi di acqua [...] compreederà quanto siano svariate la sua flora e la sua fauna, e come el terreno per diversità di struttura geologica sia ricco di minerali [...] si presti a colture di

⁴⁹ BARROS. *A Escola de Minas e a siderurgia*, p.23.

⁵⁰ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.29.

⁵¹ BARROS. *A Escola de Minas e a siderurgia*, p.27.

⁵² BARROS. *A Escola de Minas e a siderurgia*, p.23.

⁵³ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.29.

⁵⁴ MENEZES. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.123-124.

ogni genere ed è pronto a rispondere con larghezza a qualunque esperimento agricolo ed industriale.

La verità è che se il Brasile nasconde realmente tesori nel suo grembo, i tesori vanno cercati con pazienza e sfruttati con sapienza.

[...] che si riferisce al ferro, metallo meno appariscente dell'oro, ma intorno a cui si impernano tutti i progressi della civiltà [...].

[...] perchè dai minerali proviene appunto la maggiore ricchezza del Brasile e perchè i suoi minerali preziosi hanno appunto foggiate intorno al suo nome la poetica tradizione de un serto aureo e gemmato.⁵⁵

Na mostra da riqueza mineral, a Escola de Minas trouxera o ápice da cultura científico-minerológica do país à Europa. Tartufari defendeu que a exploração dessa riqueza cabia ser feita com inteligência, tendo no ferro a matéria-prima privilegiada para o desenvolvimento industrial, como no passado colonial fora o ouro que fizera a riqueza do antigo império. A tessitura natureza e história seria um legado aos ex-alunos, culminando em projetos políticos de cunho nacional-desenvolvimentistas.⁵⁶

A preocupação que hoje chamaríamos de desenvolvimentista, as excursões pelo interior, e o próprio ambiente da cidade de Ouro Preto, impregnado de história, contribuíram para incutir nos ex-alunos um forte sentimento nacionalista, que se manifestou mais tarde nos conflitos em torno da política mineral.⁵⁷

Outro caminho leva à confluência dos saberes das humanidades e ciências no âmbito do “espírito Gorceix”, trata-se da proximidade de relações mantidas entre Gorceix e o mundo letrado, representado na figura do monarca. É consenso em todos os estudos, o papel crucial que Dom Pedro II teve na garantia das demandas da Escola de Minas. Gorceix encurtava o caminho da burocracia dirigindo seus pedidos administrativos ao imperador, que lhe tinha afeto, respeito e considerável amizade. O próprio imperador era tido pelos contemporâneos como um homem letrado, sempre descrito como protetor esclarecido das letras, das artes e das ciências, possuidor

⁵⁵ “Quem pensa que o Brasil possui um território imenso em longitude e latitude, um território em algumas partes montanhoso, em algumas outras ondulado em planícies intermináveis, sobre cujo vento faz ondular a cabeleira das florestas e sequestra das grammas cem aromas, um território sempre arado por golfos de rios d’ água [...] compreenderá quanto são variadas a sua flora e sua fauna, e como o terreno pela diversidade da estrutura geológica é rico de minerais [...] se dá a cultura de qualquer gênero e é pronto a responder com grandeza a qualquer experimento agrícola e industrial. A verdade é que se o Brasil esconde realmente tesouros em seu seio, os tesouros devem ser procurados com paciência e desfrutados com inteligência. [...] ao que se refere ao ferro, metal menos recorrente que ouro, mas ao redor que o depende todos os progressos da civilização [...] porque dos minerais provém certamente a maior riqueza do Brasil e porque os seus minerais preciosos terão certamente ao redor amoldado ao seu nome poética tradição de um certo ouro e diamante”. TARTUFARI, Filippo. *La scuola d’ ingegneria civile e mineraria di Ouro Preto (Brasile)*. Torino: Stabilimento Doyen, 1911, p.2-5. (Tradução livre do autor)

⁵⁶ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.31.

⁵⁷ CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.94-95.

de uma cultura vasta e profunda. Dom Pedro II manteve correspondência com sábios estrangeiros, na maioria franceses, e não se mostrou diferente com Henri Gorceix.⁵⁸

Sobre essa comunidade que ora se definia como científica, ora como letrada, e da qual faziam parte Gorceix e o imperador (ainda que ocupando lugares de poder e de fala bem diferenciados), Michel Chevreul⁵⁹ deixou interessante comentário: “Se minha vida chamou a atenção do público, é devido aos meus trabalhos no campo das ciências físicas e químicas. Nem por isso deve-se acreditar que fui constantemente indiferente ao estudo das ciências sociais, dos fóruns, das leis e da administração”⁶⁰.

12 de outubro e o culto à Gorceix

O projeto científico da Escola de Minas rendeu uma memória de Gorceix eternizada nas famosas comemorações da festa do 12 de outubro – dia da inauguração oficial da instituição. Emergiu uma espécie de “culto à Gorceix”, constantemente evocado em celebrações e homenagens, tal essa proferida pelo professor e diretor da instituição, Gastão Gomes:

Minhas senhoras. Meus senhores. A inauguração do busto do Dr. Gorceix, em frente à Escola de Minas, não é mais que o pagamento de uma velha dívida de gratidão para com o imortal fundador da mesma Escola, da nossa *alma mater*. Louvores, pois, à iniciativa do digno Diretor. A essa justa homenagem associa-se a Universidade de Minas Gerais, que aqui represento, nesta hora feliz em que tenho o prazer de falar diante deste singelo, mas significativo monumento, traduzindo os sentimentos do corpo docente da Escola. *Non omnis moriar*, não morrerei de todo, disse o poeta latino quando, contemplando a magnitude de sua obra literária, pode sem insensata vaidade, prometer a si mesmo uma glória que a posteridade já bem remota não tem regateado. Igual afirmação teria podido fazer de si mesmo o ilustre homem de ciência, ao desaparecer dentre os vivos há 16 anos, porque aqui ficava a Escola de Minas, monumento imperecível que não deixará morrer o seu nome.⁶¹

⁵⁸ LIMA, D. *Pedro II e Gorceix*, p.19.

⁵⁹ Michel Eugène Chevreul (Angers, 1786- Paris, 1889) foi um químico conhecido pelo seu trabalho sobre os ácidos graxos, a esponificação e por sua contribuição à teoria das cores, através do seu livro *De la Loi du Contrast Simultané des Couleurs*. FERREIRA. *Dicionário de inventos e inventores*, p. 154.

⁶⁰ CHEVREUL, Michel Eugène *Apud*. Carvalho, CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.105.

⁶¹ GOMES, Gastão. *REM: Revista da Escola de Minas*, p.77.



FIGURA 1: Aspecto da solenidade de inauguração do busto de Gorceix em frente à Escola de Minas no 12 de outubro de 1935.

Fonte: REM: *Revista da Escola de Minas*, Ano I, Abril, n.3, 1936, p.78.

Registrada no 12 de outubro de 1935, a fotografia da multidão de ilustres engenheiros inaugurando o busto de Gorceix confirma a necessidade de se manter vivo o culto ao mito do fundador da Escola de Minas. A concentração da imagem em realçar o corpo atual de integrantes da instituição e nem sequer demonstrar interesse na figura do passado – representada no busto de Gorceix – dava os primeiros sinais rumo ao lugar de memória⁶². De fato, a construção de uma memória histórica inerente ao uso político acompanha a graduação do movimento duplo do ato de esquecer e inventar um passado.⁶³

Grande parte dessa memória tecida sobre Gorceix relaciona-se à elaboração cultural e institucional de um grupo bem determinado: os ex-alunos das primeiras gerações que procederam Gorceix. O ato da lembrança é coletivo, “[...] só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar em uma ou mais correntes do pensamento coletivo”⁶⁴. Nessa dinâmica social da memória, os antigos alunos adquirem uma

⁶² Pierre Nora a partir da ideia de “lugar de memória” afirmou que o apogeu da industrialização desencadeou uma mutilação sem retorno que se alongou na contemporaneidade. Esse processo tem como consequência, entre outros fatores, uma perda da identidade de memória de grupos, tornando lugares irreconhecíveis, extinguindo tradições e pondo fim aos meios de memória. Daí a imposição ao homem contemporâneo de eleger lugares de memória, diante da impotência de lembrar do próprio passado vivido. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n.10,1993, p.7-8.

⁶³ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.34.

⁶⁴ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laís Teles Bernoir. São Paulo: Centauro, 2004, p.40.

identidade comum pela partilha de um legado, de uma herança que perdura em suas próprias trajetórias de vida – o “espírito Gorceix”.⁶⁵

Reconstruída historicamente, a lembrança apoia-se numa interpretação retrospectiva, pela qual as ações de Gorceix na Escola de Minas refletiam suas origens francesas. Tendo na Escola de Minas de Ouro Preto o seu polo de convergência, a memória de Gorceix processou-se de maneira bastante complexa, tripartida em três papéis sociais principais: o de administrador, de mestre e de homem de ciência⁶⁶:

Henri Gorceix não limitou apenas à fundação da Escola de Minas, a sua tarefa no Brasil. Entregou-se também ao estudo apaixonado e infatigável do nosso solo, deixando vários trabalhos, monografias, memórias, estudos diversos sobre a Geologia do Brasil, esparsos em revistas técnicas nacionais e estrangeiras, distinguindo-se sempre pela concisão, clareza, penetração e segurança. Ao seu exemplo de trabalho incessante e fecundo, aos seus hábitos de disciplina e de ordem, às suas qualidades excepcionais como professor, organizador e administrador devem-se o êxito completo do estabelecimento por este fundado e o patrimônio nobilíssimo, conservado e engrandecido pelos sucessores e continuadores do grande mestre. Sem exagero se pode dizer, que a tradição belíssima da Escola de Minas se confunde com o nome de Gorceix.⁶⁷

Descritos nessas memórias e conseqüentemente assimiladas pelos estudos, os perfis de Gorceix foram associados pelos autores a duas interpretações culturais basilares da cultura ocidental contemporânea, ambas vinculadas ao iluminismo: a do homem moral, responsável pelo aprimoramento social através das práticas educativas, e a do cientista, que transforma o mundo por seu domínio tecnológico.⁶⁸

O papel de educador de Gorceix associou-o à imagem de um paladino da cultura, empenhado em árdua tarefa, numa terra ainda não de todo civilizada:

Residindo longo tempo em Ouro Preto, e aqui constituindo família, o Dr. Gorceix amou extremamente a nossa terra e dela se tornou paladino em toda parte. São hoje, clássicas as palavras que ele pronunciou na *Société de Géographie* de Paris: *Minas Geraes est le coeur du Brésil: Un coeur d'or dans une poitrine de fer*, exprimindo, ao mesmo tempo, as riquezas do nosso solo, os primeiros dos nossos sentimentos e a firmeza do nosso caráter.

O Dr. Gorceix pertencia a essa plêiade de verdadeiros louvores de ciência, que tem vindo estudar o Brasil, com amor à ciência e com amor à nossa terra, e que se constituíram depois nossos amigos no estrangeiro, propagandistas entusiastas de nossas riquezas, de nossos recursos, de nosso progresso,

65 RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.34.

66 _____. *Cum mente et malleo*, p.36.

67 REM: *Revista da Escola de Minas*, p.78-79.

68 RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.36.

escrevendo obras magistrais, fontes inesgotáveis de ensinamentos. Assim Eschwege, Spix, Martius, Saint-Hilaire, Castelnau, Derby e muitos outros.⁶⁹

Excedendo tal missão civilizadora em sua prática pedagógica e administradora, Gorceix teria recorrido a métodos pedagógicos “quase policialescos”⁷⁰, incluindo estreita vigilância sobre o alunado. Ele valorizava a assiduidade e verificava as notas de cada estudante, chamando a seu gabinete os que não iam muito bem. As datas das avaliações não eram previamente divulgadas, sendo tais provas promovidas em modalidades escritas e orais.⁷¹ Como diretor, a postura intolerante (ou mesmo “autocrata”, “tirânica”) era manifesta pelo rigor com que exigia o cumprimento dos regulamentos da Escola e a excelência da atuação docente, lembrando que os professores eram meticulosamente escolhidos por Gorceix.⁷²

Essa última memória difere parcialmente dos registros deixados por vários alunos do período da administração Gorceix. Eles não negam a seriedade da sua atuação, mas entremeavam-na com a face mais humanizada do francês, em seus contornos afetivos: “Severo e inflexível era, entretanto, Gorceix uma alma simples e bondosa, um amigo jovial e afetuoso dos seus discípulos”⁷³.

Relata-se que alguns alunos de Gorceix encamparam de tal forma o seu projeto científico que chegaram a se tornar seus “braços direitos”. Um deles, Francisco de Paula Oliveira⁷⁴ “havia passado ao primeiro lugar na classificação devido a sua assiduidade”⁷⁵, outro Joaquim Cândido da Costa Sena⁷⁶ era visto como aluno aplicado, que chegara a substituir o professor ainda na condição de discente e que ingressara como docente logo após a formatura da primeira turma, em 1880. Em 1885, Costa Sena foi nomeado professor interino de física e química e, em 1891, assumiu o cargo de direção da Escola com a saída de Gorceix.⁷⁷

Ao mesmo tempo em que exigia trabalho duro, Gorceix fornecia liderança intelectual⁷⁸ e até suporte financeiro aos estudantes. Ofereceu pagar de seu bolso metade das pensões dos

⁶⁹ REM: *Revista da Escola de Minas*, p.79.

⁷⁰ CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p. 96.

⁷¹ MENEZES. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.76-77.

⁷² CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.94-98.

⁷³ REM: *Revista da Escola de Minas*, p.79.

⁷⁴ Francisco de Paula Oliveira formou-se engenheiro de minas em 1878 na primeira turma da Escola de Minas de Ouro Preto, portanto, ex-aluno de Gorceix. PINHEIRO FILHO, Antônio (org.). *A Escola de Minas 1876-1976*. Ouro Preto: Oficinas Gráficas da UFOP, 1976, p.174.

⁷⁵ MENEZES. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.86.

⁷⁶ Joaquim Cândido da Costa Sena (1852-1919) formou-se na Escola de Minas no ano de 1880, onde também atuou como repetidor-preparador de mineralogia e geologia e mais tarde como professor interino de física e química. PINHEIRO FILHO. *A Escola de Minas 1876-1976*. p.122-123.

⁷⁷ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.38.

⁷⁸ CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.97.

estudantes se o ministro concordasse em pagar a outra metade.⁷⁹ O referencial ético de Gorceix aproxima-se do ideário civilizatório. Dom Pedro II, grande mecenas da Escola de Minas, após ouvir uma conferência do francês em Ouro Preto comentou a esse respeito: “Gostei de ouvir a exposição de ideias tão civilizadas a 80 léguas do Rio de Janeiro, de onde, felizmente, já começou a irradiar-se o progresso para todo o Brasil”⁸⁰.

Associado à memória de Gorceix, outro perfil remete às suas atitudes de ardiloso articulador político, um estrategista, sobretudo, no que se refere à fundação e direção da Escola de Minas.⁸¹ O francês teria estrategicamente recorrido às relações de amizade mantidas com o imperador para conseguir atender às muitas demandas financeiras e administrativas da Escola. Gorceix chegou mesmo a ser apelidado de *Moloc*⁸², em referência ao grande poder que possuía:

Tal força de um estrangeiro recém-chegado ao país, capaz de derrotar opiniões de um homem como o Visconde do Rio Branco, que acabara de presidir o ministério de mais longa duração e dos de maior prestígio do Império e que era o diretor nomeado da Escola Politécnica, só pode ser explicada pelo fato de contar com o pleno apoio do Imperador.⁸³

Gorceix não se mostrou indiferente aos interesses (e poderes) das elites provinciais.⁸⁴ Ajustou-se a um intrincado processo de negociações veiculado, sobretudo, através de uma retórica. Seus discursos equiparam-se aos dos políticos mineiros, como Brigadeiro Mosqueira e Barão de Camargos, todos confiantes no progresso e na civilização oriundas do conhecimento que não nega o passado, vinculavam a recuperação econômica de Minas à conquista do conhecimento científico, isto é, a um projeto de “salvação pela ciência” que não desconsiderava a “glória do passado”.⁸⁵

Um segundo grupo de valores morais fez com que a memória tecida sobre Gorceix tendesse a preconizar objetivos práticos da formação de engenheiros que deveriam servir o país, configurando-o como um cientista. Para o ensino, a ciência enfatizaria os aspectos práticos e aplicados, entrelaçando às necessidades econômicas. Sua função social seria promover o

⁷⁹ _____. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.47.

⁸⁰ LIMA. D. *Pedro II e Gorceix*, p.74.

⁸¹ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.38.

⁸² Divindade citada no Antigo Testamento, cujo culto exigia o sacrifício de crianças, conforme relatado, por exemplo, em Levítico, 18,21: “Não darás nenhum de teus filhos para ser sacrificado a Moloc; e não profanarás o nome de teu Deus. Eu sou o Senhor.”

⁸³ CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.55.

⁸⁴ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.39.

⁸⁵ MENEZES. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.49.

progresso da nação.⁸⁶ Gorceix recuperaria o poderio econômico da província de Minas Gerais por meio de um conhecimento científico gerador de desenvolvimento socioeconômico⁸⁷:

Esses procedimentos diagnósticos sugerem a relevância que Gorceix atribuía aos aspectos aplicados do conhecimento. A relevância em montar estratégias de ensino e aprendizagem nos locais da atividade de exploração mineral revela o caráter facilitador da experiência no estabelecimento de nexos entre o fato geológico, a ocorrência mineral e as possíveis aplicações da acumulação natural.⁸⁸

Os diferentes papéis socioprofissionais desempenhados por Gorceix, assim como as matrizes éticas que os embasavam, não degeneraram a fragmentação de sua memória. Grande parte dos estudos que mencionavam a permanência de seu “espírito” na identidade da Escola de Minas o associava à figura do sábio ou *savant*. Em carta ao imperador D. Pedro II, Auguste Daubrée assim o descreveu: “O Sr. Gorceix não é apenas um sábio, com grandes e sólidos conhecimentos. Gosta de viajar e sabe como viajar”⁸⁹. Em suas memórias históricas, Miguel Arrojado Lisboa arrematou: “Era um sábio, dono da ciência mais atual, à época, no campo da geologia, da química e da mineralogia. Ao lado de sólida formação científica possuía boa experiência de trabalho de campo”⁹⁰. O qualificativo de sábio demonstra que alguns autores de estudos evitaram definir Gorceix exclusivamente como cientista ou engenheiro.

A figura do sábio ou *savant* (em francês e inglês) evoca simultaneamente o homem de ciência e o homem de letras. O sábio é definido, em dicionário do final do século XIX, como aquele: “que tem extensos e profundos conhecimentos tanto em matérias de erudição como de ciência”⁹¹. O sábio recorre a registros do passado, revelador de lições, mas também desenvolve a ideia moderna e teleológica de uma providência e crença na razão da ciência interferindo positivamente nos rumos e destinos das nações. O sábio justamente por transitar entre esses diferentes saberes, pode recorrer a registros sobre o passado e, a partir deles, construir o futuro, unindo conhecimento e moralidade: ele “conhece o bem, o bom, e o mau, e quer o bem, e o segue, e evita o mal; segue o caminho da verdade, e de virtude”⁹². Gorceix, assim, não poderia ser reduzido quer a um engenheiro, quer a um intelectual. Na incorporação de sábio combinavam-se

⁸⁶ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.39.

⁸⁷ MENEZES. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.37-39.

⁸⁸ _____. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o ensino das ciências geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto*, p.96.

⁸⁹ DAUBRÉE, Auguste *Apud* LIMA. *D. Pedro II e Gorceix*, p.30.

⁹⁰ BARROS. *A Escola de Minas e a siderurgia*, p.15.

⁹¹ AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, Tomo I, p.1584.

⁹² SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Tipografia de Antônio José da Rocha, 1858, Tomo I e II, p.76.

o pragmatismo do século XIX e a moral do século XVIII, expressos de forma privilegiada pelo voluntarismo erudito de Gorceix.⁹³ Assim Arrojado Lisboa o descreveu:

Demonstrou, em várias circunstâncias, energia e intrepidez. Suas qualidades pessoais, mormente sua lealdade, proporcionaram-lhe a estima de seus antigos mestres. Devo acrescentar que o ardor que ele aplica em suas pesquisas científicas se exterioriza com certa vivacidade, que não se deve confundir com leviandade.⁹⁴

Em discurso de homenagem, o ex-aluno da Escola de Minas, Antonio Olyntho reforçava: “Lembrei esses traços da operosidade científica de Gorceix no campo de suas investigações, para patentear as superiores qualidades do homem, que foi depois o grande amigo do Brasil e aqui plantou robusta semente, que é a nossa Escola de Minas”⁹⁵.

A ida de Gorceix à Escola Francesa de Atenas foi elucidativa de seu espírito de aventura, tendo a estadia na Grécia servido para revelar seu temperamento arrebatado, sua resistência física e seu entusiasmo pelo trabalho.⁹⁶ Um historiador da Escola Francesa de Atenas deixou a seguinte impressão: “Uma figura curiosa [...] Henri Gorceix deveria ter vivido à época do Diretório e deveria ter participado da expedição ao Egito. Ele nasceu para observar a natureza sob o troar dos canhões”⁹⁷. Retratado como um “jovem aventureiro”⁹⁸, Gorceix, porém, não deixou de ser também percebido sob contornos mais circunspectos, sendo descrito como um homem de caráter “rude e austero”, dotado de “maneiras bruscas”.⁹⁹

Muitos professores formados na Escola de Minas e os ex-alunos contribuíram decisivamente para o fortalecimento dessa memória *savant*. A mitificação de Gorceix foi suficiente para perdurar por épocas muito posteriores à fundação da Escola de Minas, nas quais as antigas glórias deram lugar a uma inquirição identitária.¹⁰⁰ Destaca-se especialmente a dimensão da estabilidade e da endogenia atuantes na invenção da memória de Gorceix:

Em todas as esferas de ação da engenharia nacional, por toda a parte do imenso território pátrio e mesmo fora dele, distintos filhos da Escola, são encontrados, elevando-lhes, de mais em mais, o alto conceito em que ela se vem firmando desde seus primeiros dias. Na política, na administração pública, na lavoura, no comércio, na indústria, tem figurado sempre, de há muitos anos, com o máximo

⁹³ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.41-42.

⁹⁴ LISBOA *Apud* BARROS. *A Escola de Minas e a siderurgia*, p.14.

⁹⁵ CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.124.

⁹⁶ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.42.

⁹⁷ CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.48.

⁹⁸ “[...] seu espírito de aventura foi satisfeito com a ida para a Escola Francesa de Atenas, para onde eram anualmente enviados os melhores entre os diplomados pela Escola Normal”. CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.47.

⁹⁹ CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.97.

¹⁰⁰ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.43.

relevo, nomes que avultam em grande cópia na relação dos seus ex-alunos. Os engenheiros de minas e civis são uma coluna mestra nos vastos domínios da engenharia nacional: vem patentear, em sua singela eloquência, a existência de uma aristocracia intelectual que trabalha, sabe pensar, sabe estudar com vigorosa tenacidade, tendo no espírito bem gravada e nítida a legenda que robustece e anima: *Cum mente et malleo*.¹⁰¹

Considerações finais

Os significados do “espírito Gorceix” foram uma via de acesso à configuração do projeto científico da Escola de Minas de Ouro Preto. Também, foi possível tecer uma historicidade da própria memória de Gorceix: a personificação do fundador como um sábio, seguida por uma legitimação ideológica de seu legado, que pode ser demarcada até aproximadamente o final da década de 1930, quando a Escola de Minas mergulhará em uma crise, beirando a decadência.¹⁰² A partir daí o “espírito Gorceix”, sinônimo do projeto científico da Escola de Minas, foi perdendo a flexibilidade e a criatividade que eram seu apanágio, sendo aos poucos substituído por um culto ao passado que se configurava, paradoxalmente, como sua própria negação.¹⁰³ O “espírito Gorceix” transformou-se no saudosismo do 12 de outubro que confunde a obra com o criador.

A historicidade dessa memória, todavia, não se perde no passado.¹⁰⁴ O “espírito Gorceix” orientou as primeiras décadas da trajetória da Escola de Minas. A significação histórica não se encerra num percurso linear de surgimento, apogeu e decadência. Os estudos sobre Gorceix convidam novos pesquisadores à sua releitura, incitam-nos a interpretá-los, como se procedeu aqui, reescrevendo a história da instituição a partir da memória e legado do projeto científico de seu criador.

¹⁰¹ REM: *Revista da Escola de Minas*, p.76.

¹⁰² CARVALHO. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.139.

¹⁰³ _____. *A Escola de Minas de Ouro Preto*, p.100.

¹⁰⁴ RODRIGUES. *Cum mente et malleo*, p.44.